

Ana Maria Leite de Barros, Cláudio Luiz Zanotelli e Vivian Albani (Organizadores). *Geografia Urbana. 30 anos do Simpósio Nacional de Geografia Urbana.*

Cidades, revoluções e injustiças: entre espaços privados, públicos, direito à cidade e comuns urbanos

Rio de Janeiro: Consequência, 2020, 510 páginas

Cláudio Luiz Zanotelli



Edição eletrônica

URL: <https://journals.openedition.org/geografares/926>
ISSN: 2175-3709

Editora

Universidade Federal do Espírito Santo

Referência eletrônica

Cláudio Luiz Zanotelli, «Ana Maria Leite de Barros, Cláudio Luiz Zanotelli e Vivian Albani (Organizadores). *Geografia Urbana. 30 anos do Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Cidades, revoluções e injustiças: entre espaços privados, públicos, direito à cidade e comuns urbanos*», *Geografares* [Online], 31 | 2020, posto online no dia 17 dezembro 2020, consultado o 03 agosto 2021. URL: <http://journals.openedition.org/geografares/926>

Este documento foi criado de forma automática no dia 3 agosto 2021.



Geografares est mise à disposition selon les termes de la Licence Creative Commons Attribution - Pas d'Utilisation Commerciale 4.0 International.

Ana Maria Leite de Barros, Cláudio
Luiz Zanotelli e Vivian Albani
(Organizadores). *Geografia Urbana. 30
anos do Simpósio Nacional de Geografia
Urbana. Cidades, revoluções e
injustiças: entre espaços privados,
públicos, direito à cidade e comuns
urbanos*

Rio de Janeiro: Consequência, 2020, 510 páginas

Cláudio Luiz Zanotelli

REFERÊNCIA

Ana Maria Leite de Barros, Cláudio Luiz Zanotelli e Vivian Albani (Organizadores).
*Geografia Urbana. 30 anos do Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Cidades,
revoluções e injustiças: entre espaços privados, públicos, direito à cidade e comuns
urbanos*. Rio de Janeiro: Consequência, 2020, 510 páginas.

- 1 O livro foi organizado em sete partes, que



correspondem às respectivas mesas-redondas homônimas do XVI Simpurb realizado em Vitória entre os dias 14 e 17 de novembro de 2019, encontro que também marcou a trajetória de 30 anos da realização da primeira edição do Simpurb que ocorreu em 1989 na USP e que vem debatendo bianualmente desde então a Geografia urbana brasileira. Os temas abordados no livro são diversos e perpassam a geografia urbana e os outros saberes que têm a cidade e o urbano como espaço de conhecimento.

- 2 As questões colocadas para os palestrantes das mesas e que resultaram no livro são múltiplas: O que há de novo nas produções sociais e urbanas e como elas se traduzem no debate dos saberes sobre a cidade e o urbano? Quais movimentos, quais escalas para abordar o fato urbano? Quais debates de classes e de categorias sociais nos espaços urbanos? Quais economias urbanas (indústria, serviços, produção imobiliária)? Quais justiça espaciais? Quais re(pro)duções dos espaços urbanos? Quais criações ampliadas das lutas dos e pelos espaços comuns instituídas politicamente? Como sair da apoteose do negativo em direção a uma positividade na afirmação do possível e da virtual utopia das conquistas sociais das classes dominadas? Como desvelar e colocar em relevo a alegria (real e virtual) face à morte anunciada pelo “comum do capital” difundida sob o manto de depressão cotidiana jogada sobre a sociedade e a cidade? Qual cidadania cotidiana se desvela nos movimentos que se fazem hoje? Quais reivindicações do direito à cidade?
- 3 As temáticas tratadas no livro enviam à vários momentos importantes da história urbana, assim em 2017 se comemorou 100 anos da Revolução Russa, enquanto em 2018 se completaram os 50 anos do maio de 1968. Os textos do livro abordam as rebeliões, as revoltas e os levantes que têm estremecido as ordens políticas e sociais de diversos países em diferentes continentes. O aspecto da luta pelo direito à cidade e pelo comum de todas essas revoluções, rebeliões e levantes é a importância estratégica das cidades, pontos de convergência e de multiplicação dos movimentos das praças, dos parques, das ocupações de ruas, das ocupações de fábricas, das greves e das manifestações por melhores condições de vida cotidiana e contestação da ordem dominante. Esses movimentos também fazem emergir as “minorias”, muitas vezes majoritárias, oprimidas (mulheres, diversidades sexuais, raciais, migrantes), desvelando o múltiplo e o diverso no espaço urbano. O espaço urbano está em disputa, pois ele é o lócus estratégico de controle, repressão e opressão por parte do Estado em todas as suas escalas, se colocando, na maioria das vezes, a serviço das classes dominantes. Vive-se, desse modo, momentos contraditórios na reprodução do espaço urbano, e esse

movimento revela os impasses das lutas e dos movimentos sociais na cidade. A ordem neoliberal tem acelerado os processos de espoliação urbana e de captura da criação e inventividade coletiva por meio da proliferação do capitalismo de forma imanente em todos os setores da vida. Os espaços coletivos e comuns citadinos são ameaçados, provocando rupturas, mas também resistências.